

O Foguista

Franz Kafka

Um Fragmento

Quando Karl Rossmann, de dezessete anos — a quem os pobres pais tinham mandado para a América porque uma empregada o havia seduzido e tido um filho dele —, entrou no porto de Nova York a bordo do navio cuja marcha já era vagarosa, a Estátua da Liberdade, que ele vinha observando fazia muito tempo, pareceu-lhe iluminada pela luz de um sol que de repente se tornava mais forte. O braço com a espada sobressaía como se tivesse acabado de se levantar e em torno de sua figura sopravam os ares livres.

“Que alta!” — disse consigo mesmo e, como nem cogitasse de ir embora, foi sendo aos poucos empurrado até o parapeito pela multidão crescente dos carregadores que passavam por ele.

Um jovem que havia conhecido superficialmente durante a viagem disse ao passar:

— Então, não está com vontade de descer?

— Estou pronto — disse Karl sorrindo-lhe e, num ímpeto de euforia e também porque era um moço forte, suspendeu a mala ao ombro.

Mas quando seu olhar seguia o conhecido, que, balançando um pouco a bengala, já se distanciava com os outros, ele notou que havia esquecido o guarda-chuva na parte de baixo do navio. Pediu depressa ao conhecido, que não pareceu muito feliz, a gentileza de esperar um instante junto à mala, deu um rápido olhar ao redor para acertar o caminho de volta e saiu às pressas dali.

Lá embaixo, para seu pesar, encontrou fechado pela primeira vez um corredor que teria encurtado muito o caminho, o que provavelmente se relacionava com o desembarque de todos os passageiros, e teve de buscar passagem a custo por um sem número de pequenos recintos, corredores de curvas contínuas, curtas escadas que se seguiam sem parar umas às outras, um compartimento vazio onde estava abandonada uma escrivaninha, até que efetivamente — pois fizera aquele trajeto só uma ou duas vezes e sempre em companhia de muitas outras pessoas — ele se perdeu por completo. No seu desamparo, sem encontrar ninguém, ouvindo apenas o incessante arrastar de milhares de pés em cima, e percebendo à distância, como um arquejo, os últimos movimentos das máquinas já desligadas, começou a bater sem refletir numa porta qualquer perto da qual interrompeu sua andança a esmo.

— Está aberta — bradou uma voz de dentro e Karl abriu, com a respiração sinceramente aliviada.

— Por que bate na porta como um louco? — perguntou, mal tinha dirigido o olhar para Karl, um homem gigantesco.

Por alguma espécie de claraboia uma luz turva, já desgastada durante muito tempo na parte superior do navio, caía dentro da cabine lastimável onde a cama, um armário, uma cadeira e o homem estavam bem próximos uns dos outros, como que estocados.

— Eu me perdi — disse Karl. — Durante a viagem não notei, mas é um navio terrivelmente grande.

— É, tem razão — disse o homem com algum orgulho e não parou de lidar com a fechadura de uma maleta que ele apertava sem cessar para ouvir o estalo do trinco.

— Mas entre — prosseguia —, não vai querer ficar em pé ai fora.

— Não estou incomodando? — perguntou Karl.

— Ora, como vai incomodar?

— O senhor é alemão?

Karl ainda tentava se precaver, porque tinha ouvido falar muito dos perigos que ameaçavam os recém-chegados à América, principalmente da parte dos irlandeses.

— Sou, sou — disse o homem.

Karl ainda hesitava. O homem então agarrou num repente a maçaneta e fechando rapidamente a porta puxou com ela Karl para dentro.

— Não suporto que me olhem do corredor — disse o homem, que continuava lidando com a mala. — Qualquer um que passa, olha aqui dentro, é uma coisa intolerável.

— Mas o corredor está completamente vazio — disse Karl, que estava desconfortavelmente em pé, esmagado junto à guarda da cama.

— É, agora está — disse o homem.

“Mas é de agora que estou falando” — pensou Karl.

— “Com este homem é difícil conversar”.

— Deite-se na cama, ali dispõe de mais espaço — disse o homem.

Karl foi rastejando até a cama o melhor que pôde e riu alto da primeira tentativa malograda para chegar a ela com um arremesso do corpo. Mas nem bem estava lá exclamou:

— Meu Deus! Esqueci completamente a mala.

— Onde está ela?

— Lá em cima no convés, um conhecido está tomando conta dela. Mas como é mesmo que ele se chama?

E de um bolso secreto, que sua mãe havia feito para a viagem no forro do casaco, ele tirou o cartão de visitas.

— Butterbaum, Franz Butterbaum.

— Precisa muito da sua mala?

— Naturalmente.

— Então por que a deixou com um estranho?

— Eu tinha esquecido meu guarda-chuva aqui embaixo e vim correndo buscá-lo, mas não queria trazer a mala comigo. Depois, ainda por cima, eu me perdi.

— Está sozinho? Sem companhia?

— Sim, estou sozinho.

“Talvez devesse me apegar a este homem” — passou pela cabeça de Karl. — “Onde vou encontrar tão cedo um amigo melhor?”

— E agora perdeu também a mala. Do guarda-chuva eu nem falo.

E o homem sentou-se na cadeira como se os assuntos de Karl agora tivessem adquirido algum interesse para ele.

— Mas eu acredito que a mala ainda não está perdida.

— A fé faz o homem feliz — disse o homem coçando vigorosamente os cabelos escuros, curtos e espessos. — Num navio mudam com os portos também os costumes; em Hamburgo o seu Butterbaum talvez tivesse cuidado da mala, aqui o mais provável de tudo é que já não haja nem vestígio dos dois.

— Então eu preciso subir imediatamente para ver isso

— disse Karl olhando em volta para saber como poderia sair.

— Fique onde está — disse o homem e atirou-o rudemente de volta à cama com um golpe de mão no peito.

— Mas por quê? — perguntou Karl irritado.

— Porque não tem sentido — disse o homem. — Num instante eu também vou e então podemos ir juntos. Ou a mala foi roubada a aí não há o que ajude e pode chorar por ela até o fim dos seus dias, ou o homem ainda está vigiando e é um idiota e deve continuar tomando conta, ou é simplesmente uma pessoa honesta e deixou a mala no lugar, aí então vamos esperar que o navio se esvazie completamente para encontrá-la com mais facilidade. A mesma coisa para o seu guarda-chuva.

— Conhece bem o navio? — perguntou Karl desconfiado.

Parecia-lhe que o pensamento, aliás convincente, de que suas coisas poderiam ser encontradas mais facilmente num navio deserto encobria algum ardil.

— Claro, sou foguista — disse o homem.

— Um foguista] — bradou Karl com alegria, como se isso ultrapassasse todas as expectativas, e apoiado no cotovelo olhou mais atentamente o homem. — Exatamente diante da cabine onde eu dormia com os eslovacos estava instalada uma escotilha por onde se podia olhar para a sala das máquinas.

— Sim, foi lá que eu fiquei trabalhando — disse o foguista.

— Sempre me interessei por técnica — disse Karl, que perseverava numa linha definida de raciocínio — e com certeza teria me tornado mais tarde engenheiro se não tivesse precisado viajar para a América.

— Por que precisou viajar?

— Bah! — disse Karl e com a mão atirou fora toda a história.

— Nesse lance olhou sorrindo para o foguista como se lhe pedisse indulgência mesmo pelo que não tinha sido confessado.

— Deve ter havido um motivo — disse o foguista e não se sabia ao certo se com isso ele queria exigir ou recusar que fosse contado o motivo.

— Agora eu também poderia me tomar foguista — disse Karl. — É absolutamente indiferente aos meus pais neste momento o que vou me tomar.

— Meu posto vai ficar vago — disse o foguista e, com plena consciência do que estava afirmando, enfiou as mãos nos bolsos e lançou sobre a cama, para esticá-las, as pernas cobertas por um par de calças amarrotadas, semelhante a couro e de cor cinza-ferro.

Karl teve de se afastar para mais perto da parede.

— Vai deixar o navio?

— Sim senhor, vamos embora hoje.

— Mas por quê? Não gosta?

— Oh, são as condições, nem sempre o que decide é se alguém gosta ou não. Aliás, tem razão, não gosto também. Provavelmente não está pensando a sério em se tornar foguista, mas é justamente nessa hora que se pode com a maior facilidade se tornar um. Eu o desaconselho decididamente. Se queria estudar na Europa, por que não o quer aqui? As universidades americanas são incomparavelmente melhores.

— E bem possível — disse Karl. — Mas não tenho quase nenhum dinheiro para estudar. Li, é verdade, sobre alguém que trabalhava durante o dia numa loja e estudava à noite, até que ficou doutor e creio que prefeito. Mas para isso é preciso uma grande perseverança, não é? Temo que ela me falte. Além disso não fui um aluno especialmente bom, a despedida da escola realmente não me foi difícil. E as escolas daqui talvez sejam mais severas ainda. Não sei quase nada de inglês. Acredito que em geral as pessoas aqui têm muita prevenção contra estrangeiros.

— Também já passou por isso? Então está muito bem. Então estou diante do meu homem. Veja: estamos num navio alemão, ele pertence à linha Hamburgo-América, por que é que não somos apenas alemães aqui? Por que o maquinista-chefe é um romeno? Ele se chama Schubal. Mal dá para acreditar. E esse cão sarnento esfola a nós, alemães, num navio alemão. Não fique pensando — faltava-lhe o ar, ele se abanava com a mão — que me queixo por me queixar. Sei que não tem influência e que é somente um pobre rapazinho. Mas assim já é demais!

E várias vezes bateu duro com o punho na mesa, sem despregar o olho dela enquanto batia.

— Já servi em tantos navios — deu vinte nomes, um depois do outro, como se eles fossem uma só palavra; Karl ficou completamente confuso — e me distingui, fui elogiado, um trabalhador ao gosto dos meus capitães, estive até alguns anos no mesmo veleiro mercante — levantou-se como se fosse esse o ponto culminante de sua vida — e aqui neste caixote onde tudo está organizado segundo as regras, onde não se exige nenhum talento, aqui eu não sirvo para nada, aqui estou sempre atravessado no caminho do Schubal, sou um mandrião, mereço ser posto para fora e só recebo meu salário por misericórdia. Compreende uma coisa dessas? Eu não.

— Não deve permitir isso — disse Karl excitado.

Tinha quase perdido a noção de que estava sobre o solo inseguro de um navio na costa de um continente desconhecido, de tal forma se sentia em casa ali na cama do foguista.

— Já estive com o capitão? Já tentou fazer valer os seus direitos junto a ele?

— Oh, vá embora, é melhor que vá embora! Não quero tê-lo aqui comigo. Não escuta o que eu digo e me dá conselhos. Como é que posso ir ao capitão?

E o foguista sentou-se outra vez, cansado, colocando o rosto nas mãos.

“Não posso lhe dar um conselho melhor” — disse Karl consigo mesmo. E achou que seria preferível ter ido apanhar a mala em vez de ficar ali dando conselhos que eram considerados estúpidos. Quando o pai lhe entregou definitivamente a mala, perguntou brincando: Quanto tempo vai conservá-la? E agora a querida mala talvez já estivesse perdida — sem brincar. O único consolo ainda era que o pai não podia ficar sabendo nem um pouquinho da sua atual situação, mesmo que fosse investigar. O máximo que a companhia de navegação ainda podia dizer era que ele havia chegado a Nova York. Mas Karl lastimava que quase não tivesse usado as coisas que estavam na mala, embora — por exemplo — há muito tempo precisasse trocar de camisa. Tinha portanto economizado no lugar errado; agora que, justamente no inferno da sua carreira, precisava se apresentar asseado, teria de aparecer com uma camisa suja. Que bela perspectiva! Se não fosse isso, porém, a perda da mala não teria sido tão má, pois o terno que estava vestindo era até melhor do que aquele na mala, que na verdade era apenas uma roupa de emergência que a mãe precisara costurar pouco antes da partida. Lembrava-se agora, também, que na mala havia além disso um pedaço de salame de Verona, que a mãe tinha colocado dentro como prenda extra, do qual no entanto só havia comido uma parte mínima, uma vez que durante a viagem ficara totalmente sem apetite e a sopa distribuída na coberta do navio tinha sido mais que suficiente para ele. Gostaria agora entretanto de ter em mãos o salame para homenagear o foguista. Pois pessoas assim são facilmente conquistadas quando lhes é passado algum presentinho, isso Karl já sabia através do pai, que com a distribuição de charutos ganhava a simpatia de todos os funcionários subalternos com os quais tinha de entrar em contato por causa de negócios. Para presentear, a única coisa que Karl agora trazia consigo era o seu dinheiro, e neste — caso já tivesse perdido a mala — ele não queria tocar por enquanto. Seus pensamentos voltaram outra vez para a mala: ele de fato não podia entender por que, durante a viagem, a tinha vigiado com tamanha atenção que essa vigilância quase lhe custara o sono e agora havia deixado que levassem embora com tanta facilidade essa mesma mala. Recordou-se das cinco noites durante as quais mantivera um pequeno eslovaco, que dormia duas camas à sua esquerda, sob a suspeita contínua de que ele estava de olho em sua mala. Esse eslovaco ficava apenas esperando que Karl finalmente cochilasse um instante, vencido pela fraqueza, para poder puxar a mala com uma vara comprida, com a qual sempre brincava ou se exercitava durante o dia. De dia o eslovaco tinha

um ar bastante inocente, mas assim que a noite chegava ele de tempos em tempos se erguia na cama e olhava com tristeza para a mala de Karl. Karl podia perceber isso perfeitamente, pois sempre havia alguém que, às voltas com o desassossego do emigrante, acendia uma luzinha, embora isso fosse proibido pelas normas do navio, tentando decifrar prospectos ininteligíveis das agências de emigração. Se havia uma luz dessas por perto, então Karl podia cochilar um pouco, mas se ela ficava à distância ou estava escuro, ele precisava manter os olhos abertos. Esse esforço o havia deixado realmente esgotado. E no entanto talvez tivesse sido inteiramente inútil. Esse Butterbaum, se ele o encontrasse de novo, onde quer que fosse!

Nesse momento ressoaram à distância, invadindo a completa tranquilidade reinante até então, pequenos golpes curtos como que de pés de crianças; aproximavam-se com som ampliado e aí se transformaram numa calma marcha de homens. Evidentemente eles andavam em fila indiana, como era natural no corredor estreito, ouvia-se um tinido que parecia de armas. Karl, que já estava a ponto de se esticar na cama para um sono livre de todas as preocupações com a mala e o eslovaco, ergueu-se assustado e cutucou o foguista para finalmente chamar-lhe a atenção, pois a ponta do cortejo, ao que parecia, acabava de alcançar a porta.

— É a banda do navio — disse o foguista. — Eles tocaram lá em cima e agora vão fazer as malas. Está tudo pronto agora e nós podemos ir. Venha.

Agarrou Karl pela mão, no último instante ainda tirou da parede sobre a cama uma imagem de Nossa Senhora, enfiou-a no bolso do peito, pegou a mala e deixou a cabine às pressas acompanhado de Karl.

— Agora vou ao escritório dizer aos senhores o que penso. Todos os passageiros foram embora, não é mais preciso ter respeito — o foguista repetiu a mesma coisa de diversas formas.

Enquanto andava, quis, desviando o pé de lado, esmagar um rato que cruzava o caminho, mas apenas o atirou mais depressa dentro do buraco, que ele conseguiu alcançar ainda em tempo. O foguista era lento nos movimentos, pois embora tivesse pernas compridas elas eram pesadas demais.

Atravessaram uma divisão da cozinha onde algumas moças com aventais sujos — elas os salpicavam de propósito — lavavam a louça em grandes tinas. O foguista chamou uma certa Line, pôs o braço em volta dos seus quadris e a levou consigo por um pequeno trecho, enquanto ela se comprimia coquete no seu braço.

— O pagamento vai sair agora, quer ir junto? — perguntou ele.

— Por que devo fazer esse esforço? É preferível que traga o dinheiro aqui — respondeu ela, escorregou por baixo do braço e saiu correndo.

— Onde você pescou esse belo rapaz? — bradou ela ainda, mas sem querer a resposta.

Ouviu-se o riso de todas as moças que haviam interrompido o trabalho.

Eles porém continuaram andando e chegaram a uma porta que tinha na parte de cima um pequeno frontão sustentado por pequenas cariátides verdes. Para um ornamento de navio aquilo parecia pródigo demais. Karl notou que nunca fora àquela parte da embarcação, provavelmente reservada aos passageiros de primeira classe, enquanto agora, diante da limpeza geral do navio, as barreiras haviam sido levantadas. Com efeito eles encontraram também alguns homens que levavam vassouras ao ombro e que cumprimentaram o foguista. Karl espantava-se com a grande movimentação ali; na cobertura ele naturalmente tinha visto pouca coisa nesse sentido. Ao longo dos corredores estendiam-se também cabos elétricos e se ouvia incessantemente um pequeno sino. .

O foguista bateu respeitosamente na porta e, quando gritaram “entre!”, ele exortou Karl, com um movimento de mão, a entrar sem medo. Ele também entrou, mas ficou parado junto à porta. Pelas três janelas do compartimento Karl viu as ondas do mar e ao contemplar o alegre movimento delas bateu-lhe o coração como se não tivesse enxergado o mar ininterruptamente por cinco longos dias. Grandes navios cruzavam as rotas uns dos outros e só cediam ao impacto das ondas na medida em que seu peso o permitia. Quando se apertava os olhos, eles pareciam balançar por causa do próprio peso. Levavam nos mastros bandeiras estreitas e compridas que a viagem havia enrijecido mas que apesar disso ainda se agitavam de cá para lá. Provavelmente dos vasos de guerra ressoavam as salvas de tiros, os canos de canhão de um deles, que não estava passando muito longe, cintilavam no reflexo do seu manto de aço e iam como que acariciados pela viagem segura, lisa e no entanto não horizontal. Pelo menos da porta só era possível observar à distância os naviozinhos e barcos que afluíam em massa pelas aberturas entre os grandes navios. Mas atrás de tudo isso estava Nova York e ela fitava Karl com as cem mil janelas dos seus arranha-céus. Sim, neste compartimento sabia-se onde se estava.

Numa mesa redonda estavam sentados três senhores, um oficial do navio, de uniforme azul, e dois outros, funcionários da autoridade portuária, com os uniformes americanos de cor preta. Sobre a mesa dispunham-se camadas altas de documentos diversos, aos quais o oficial, com a caneta na mão, primeiro dava uma olhada para depois passá-los aos outros dois, que ora liam, ora tomavam apontamentos, ora enfiavam em suas pastas, quando não acontecia de um deles, que fazia um ruído quase incessante dos dentes, ditar ao colega alguma coisa que entrava no protocolo.

Junto à janela, sentado a uma escrivaninha, as costas voltadas para a porta, um senhor de estatura menor

manejava enormes livros de registro alinhados numa forte prateleira à sua frente, na altura da cabeça. Havia a seu lado uma caixa-forte aberta e, pelo menos à primeira vista, vazia.

A segunda janela estava desocupada e oferecia a melhor vista. Mas perto da terceira encontravam-se dois senhores conversando à meia-voz. Um indignava-se ao lado da janela, vestia também o uniforme azul de bordo e brincava com o punho da espada. O homem com quem falava estava virado para a janela e de vez em quando deixava ver, através de um movimento, uma parte da fileira de condecorações no peito do outro. Tinha trajes civis e uma bengalinha de bambu que, por ele conservar as mãos firmes nos quadris, também se destacava do corpo como uma espada.

Karl não teve muito tempo para olhar tudo, pois logo veio ao encontro de ambos um servidor e perguntou ao fogueira, com um olhar de que o lugar dele não era ali, o que desejava. O fogueira respondeu, numa voz tão baixa quanto aquela com que fora perguntado, que queria falar com o senhor caixa-mor. O servidor recusou da sua parte o pedido com um aceno de mão, mas apesar disso dirigiu-se ao senhor às voltas com os livros de registro, na ponta dos pés, desviando-se num grande arco da mesa redonda. Esse senhor — viu-se isto com clareza — literalmente enrijeceu às palavras do servidor, mas afinal voltou-se para o homem que desejava falar-lhe, brandindo depois ligeiramente os braços para repelir o fogueira e, por segurança, até o próprio servidor. Este retornou em seguida e disse num tom de quem lhe confienciava alguma coisa:

— Desapareça imediatamente daqui!

Após essa resposta o fogueira baixou os olhos para Karl como se ele fosse o seu coração, a quem oferecesse a muda queixa do seu infortúnio. Sem pensar duas vezes Karl partiu correndo através da sala a ponto de esbarrar de leve na cadeira do oficial, o servidor correu inclinado atrás, com os braços prontos para agarrá-lo, como se estivesse caçando um inseto daninho, mas Karl foi o primeiro a chegar à mesa do caixa-mor, onde se segurou com força, prevendo o caso de que o servidor quisesse arrastá-lo para fora.

Naturalmente todo o recinto ficou logo animado. O oficial do navio que estava à mesa pôs-se em pé num pulo, os senhores da autoridade portuária permaneceram calmamente sentados mas atentos, os outros dois, perto da janela, se aproximaram um do outro, o servidor, que acreditava estar deslocado onde os grandes senhores mostravam interesse, recuou. O fogueira, junto à porta, esperava tenso o momento em que sua ajuda se tornasse necessária. Finalmente o caixa-mor fez na sua poltrona uma ampla volta à direita.

Karl vasculhou o bolso secreto, que não se importava de revelar aos olhares daquelas pessoas, para tirar o passaporte, o qual, ao invés de apresentar logo em seguida, colocou aberto sobre a mesa. O caixa-mor pareceu considerar esse documento sem importância, pois afastou-o com dois dedos, diante do que Karl o enfiou de volta no bolso como se a formalidade tivesse sido satisfatoriamente cumprida.

— Tomo a permissão de dizer — começou então — que na minha opinião foi feita uma injustiça ao senhor fogueira. Existe aqui um certo senhor Schubal, que o importuna. Ele já serviu pessoalmente em muitos navios, cujos nomes todos pode dizer aos senhores, de modo inteiramente satisfatório, é diligente, leva o trabalho a sério, de fato não dá para entender por que corresponde mal justamente neste navio, onde o serviço não é excessivamente pesado, como por exemplo em veleiros mercantes. Por isso só pode ser a calúnia que o impede de progredir e de lhe trazer o reconhecimento que de outro modo certamente não lhe faltaria. Só disse o que há de mais geral neste caso, as queixas específicas ele mesmo apresentará aos senhores.

Ao falar isso Karl havia se voltado a todos os presentes porque de fato todos escutavam e também porque parecia mais provável que no conjunto deles se encontrasse uma pessoa justa que não fosse justamente o caixa-mor. Além disso, por esperteza, Karl silenciou que só conhecia o fogueira fazia tão pouco tempo. Aliás teria falado melhor ainda se não tivesse ficado sem graça com o rosto rubro do senhor com a bengalinha de bambu, que ele via pela primeira vez do lugar em que se achava agora.

— Tudo isso é verdade, palavra por palavra — disse o fogueira antes que alguém lhe perguntasse, na realidade antes mesmo que alguém tivesse dirigido o olhar para ele.

A precipitação do fogueira teria sido um grande erro se o senhor com as condecorações — que como Karl agora intuía era sem dúvida o capitão — já não tivesse evidentemente resolvido ouvir o fogueira. Pois ele estendeu a mão e bradou para o fogueira:

— Venha aqui!

A voz era firme como uma rocha. Tudo agora dependia do comportamento do fogueira, pois no que dizia respeito à justiça da causa Karl não tinha dúvidas.

Felizmente nessa oportunidade ficou evidente que o fogueira já havia andado muito pelo mundo. Com uma calma exemplar ele tirou da maleta, na primeira tentativa, um macinho de papéis, bem como um livro de notas, foi com eles até o capitão, como se fosse a coisa mais óbvia, negligenciando inteiramente o caixa-mor, e desdobrou sobre o parapeito da janela seus elementos de prova. Ao caixa-mor não restou outra coisa senão ir até lá também.

— Este homem é um conhecido querelante — disse como explicação. — Vive mais na caixa do que na sala das máquinas. Levou Schubal, essa pessoa tranquila, ao completo desespero. Ouça aqui! — voltou-se para o foguista.

— Está realmente indo longe demais com a sua impertinência. Quantas vezes já o puseram para fora dos postos de pagamento, como merecia, com as suas exigências sem exceção totalmente injustificadas? Quantas vezes veio correndo de lá para a caixa principal? Quantas vezes lhe disseram por bem que Schubal é o seu superior imediato, o único com quem tem de se entender, enquanto subordinado? E agora ainda vem aqui, quando o capitão está presente, não se envergonha de importunar até mesmo a ele e tem o descaramento de trazer junto, como porta-voz ensinado das suas recriminações de mau gosto, esse menino que estou vendo pela primeira vez no navio.

Karl conteve-se a duras penas para não dar um salto à frente. Mas ali também estava o capitão, que disse:

— Vamos ouvir este homem. Seja como for, com o tempo o Schubal me parece ter ficado independente demais; mas não quero com isso estar dizendo nada em seu favor.

A última afirmação valia para o foguista, era natural que não intercedesse imediatamente por ele, mas tudo parecia no caminho certo. O foguista começou a dar suas explicações e logo de início se dominou ao intitular Schubal de “senhor”. Como Karl se alegrava junto à esquecida escrivainha do caixa-mor, onde por puro prazer comprimia sem parar uma balança de cartas! O senhor Schubal é injusto. O senhor Schubal dá preferência aos estrangeiros. O senhor Schubal expulsou o foguista da sala das máquinas e o mandou lavar as latrinas, o que certamente não é tarefa de um foguista. Uma vez foi posta em dúvida até a competência do senhor Schubal, que seria mais aparente que real. Neste ponto Karl fitou com toda energia o capitão, confiante como se fosse seu colega, só para que este não se deixasse influenciar desfavoravelmente pela maneira um pouco desajeitada de se expressar do foguista. De qualquer modo não se depreendia nada de concreto das muitas coisas que ele falava e, embora o capitão continuasse olhando e mantendo nos olhos a decisão de desta vez escutar o foguista até o fim, os outros senhores se impacientavam e em breve a voz do foguista não dominava mais o recinto de modo irrestrito, o que fazia temer muita coisa. Em primeiro lugar o senhor em trajes civis pôs em atividade sua bengalinha de bambu, batendo-a no’ piso, embora só de leve. Os outros senhores naturalmente olhavam de vez em quando, os senhores da autoridade portuária, que evidentemente estavam com pressa, voltaram aos seus papéis e, apesar de ainda um pouco distraídos, começaram a examiná-los, o oficial do navio aproximou-se de novo de sua mesa e o caixa-mor, que acreditava ter ganho a partida, suspirou fundo de ironia. Da distração geral que se instalara só parecia isento o servidor, que, simpatizando em parte com as aflições do pobre homem entre, os grandes senhores, meneava seriamente a cabeça para Karl, como se com o gesto quisesse explicar alguma coisa.

Enquanto isso, diante das janelas a vida do porto prosseguia, um navio de carga achatado, com uma montanha de barris, que deviam estar maravilhosamente arrumados para não rolares, passou em frente e quase provocou escuridão no compartimento, pequenos barcos a motor que Karl agora poderia observar com mais atenção se tivesse tempo, deslocavam-se roncando e traçavam uma reta perfeita aos impulsos das mãos de um homem que permanecia ereto junto ao leme; boias muito peculiares emergiam aqui e ali espontaneamente das águas inquietas, eram logo cobertas por elas e afundavam diante do olhar atônito, os botes dos transatlânticos a vapor seguiam em frente remados por marinheiros que transpiravam, cheios de passageiros que, tantos quantos tinha sido possível enfiar ali dentro, permaneciam sentados quietos e expectantes, embora vários não conseguissem deixar de mover a cabeça para os cenários cambiantes. Um movimento sem fim, uma inquietação, transposta do elemento intranquilo para os desamparados homens e suas obras!

Tudo exortava à pressa, à nitidez, à exposição mais completa, mas o que fazia o foguista? Derretia-se de suor ao falar, os papéis no parapeito da janela há muito ele não podia mais segurar com as mãos trêmulas, de todos os pontos cardeais escorriam-lhe queixas contra Schubal, cada uma das quais na sua opinião teria bastado para sepultar completamente esse Schubal, mas o que ele conseguia expor ao capitão era apenas um triste amontoado de tudo. Fazia longo tempo que o senhor com a bengalinha de bambu assobiava de leve para o teto, os senhores da autoridade portuária já seguravam o oficial na sua mesa e não faziam a menor menção de liberá-lo de novo, o caixa-mor estava visivelmente contido de intervir pela calma do capitão, coisa que tinha comichão de fazer. O servidor aguardava em posição de alerta, a qualquer instante, uma ordem do capitão a respeito do foguista.

Sendo assim Karl não podia mais ficar inativo. Dirigiu-se pois devagar até o grupo e enquanto andava refletia tanto mais rapidamente sobre a maneira de atacar o assunto com a maior habilidade possível. Realmente o tempo urgia, mais um instante, por menor que fosse, e os dois podiam perfeitamente voar do escritório. O capitão podia ser um bom homem e além disso, justamente agora, conforme parecia a Karl, ter um motivo

especial para se mostrar um superior justo, mas afinal ele não era um instrumento de que fosse possível usar e abusar — e era exatamente desse modo que o foguista o tratava, antes de mais nada em nome do seu sentimento ilimitado de indignação.

Por isso Karl disse ao foguista:

— É preciso narrar com mais simplicidade, com mais clareza, o senhor capitão não pode julgar direito, do modo como está contando. Por acaso ele conhece pelo sobrenome ou pelo nome de batismo todos os maquinistas e contínuos, a ponto de saber logo de quem se trata quando profere esse nome? Ordene primeiro suas queixas e depois desça às outras coisas, talvez aí não seja necessário nem mencionar a maioria delas. Para mim você sempre expôs tão claro!

“Se na América é possível roubar mala, então é possível também mentir de vez em quando” — pensou como desculpa.

Mas se isso ao menos ajudasse! Já não seria tarde demais? O foguista imediatamente se interrompeu quando ouviu a voz conhecida, mas com os olhos cobertos pelas lágrimas da honra ferida de um homem, das terríveis lembranças, da extrema aflição presente, ele não era capaz nem mesmo de reconhecer Karl direito.

Como é que agora — Karl intuiu isso em silêncio diante do homem que ora silenciava — como é que agora ele podia alterar de repente a maneira de se expressar, uma vez que, a seu ver, tudo o que ele tinha a dizer já havia sido apresentado sem o mínimo reconhecimento e por outro lado ainda não tinha dito nada e certamente não podia exigir dos senhores, neste momento, que eles ainda ouvissem tudo? E é neste ponto que Karl, seu único defensor, intervém e quer lhe dar boas lições, mas ao invés disso lhe mostra que tudo, tudo está perdido.

“Se eu tivesse vindo mais cedo, ao invés de olhar pela janela” — disse Karl a si mesmo; baixou os olhos diante do foguista e bateu as mãos na costura das calças como sinal do fim de qualquer esperança.

Mas o foguista entendeu mal, farejou em Karl uma censura secreta e, com a boa intenção de dissuadi-lo, começou — como coroamento dos seus atos — a discutir com Karl. Agora que os senhores à mesa redonda estavam com certeza há muito tempo indignados com o barulho inútil, que perturbava seus importantes trabalhos; agora que o caixa-mor aos poucos achava incompreensível a paciência do capitão e se inclinava a uma explosão imediata; agora que o servidor, completamente de volta à esfera dos seus senhores, media o foguista com um olhar selvagem — agora, finalmente, o senhor com a bengalinha de bambu, a quem até o capitão olhava de quando em quando amistosamente, já entediado por completo com o foguista, até mesmo com aversão por ele, puxou um pequeno livro de notas e, evidentemente ocupado por outros assuntos, vagueou o olhar de lá para cá entre o livro de notas e Karl.

— Eu sei, eu sei — disse Karl, que fazia esforços para se defender da torrente de palavras do foguista, agora volcadas contra ele, mas que apesar disso ainda dispunha de um sorriso de amizade em meio a toda aquela desavença.

— Tem razão, tem razão, nunca duvidei disso.

Karl gostaria de segurar as mãos do foguista, que rodavam no ar, de medo de receber golpes, e mais ainda de levá-lo até um canto para sussurrar-lhe algumas palavras de tranquilidade que ninguém mais deveria ouvir. Mas o foguista tinha perdido as estribeiras. Karl começou então a tirar algum tipo de consolo do pensamento de que, em caso de necessidade, o foguista podia dominar os sete homens presentes com a força do seu desespero. Havia entretanto na escrivaninha — como um olhar para ela lhe ensinou — um painel com muitos e muitos botões elétricos e uma só mão que os apertasse podia rebelar o navio inteiro com todos os seus corredores cheios de homens hostis.

Foi então que o senhor com bengalinha de bambu, que parecia tão desinteressado, aproximou-se de Karl e perguntou numa voz que não era alta demais, mas suficientemente nítida para ser ouvida em meio a toda a gritaria do foguista:

— Como é mesmo o seu nome?

Nesse instante bateram na porta, como se alguém estivesse atrás dela esperando aquela manifestação. O servidor olhou para o capitão, este fez um aceno de cabeça. O servidor foi então até a porta e abriu-a. Fora, com um velho casaco do exército imperial, estava um homem de proporções médias, que pela aparência não se adequava propriamente ao trabalho nas máquinas mas era, no entanto — Schubal. Se Karl não o tivesse reconhecido em todos os olhos, que exprimiam uma certa satisfação, da qual nem mesmo o capitão estava isento, teria visto aquilo com susto na figura do foguista, que fechou os punhos nos braços esticados, de tal forma que era como se fechar os punhos fosse a coisa mais importante que existia e à qual ele estava pronto para sacrificar tudo o que tinha na vida. Ali se concentrava toda a sua energia, inclusive a que o mantinha em pé.

Lá estava portanto o inimigo, desembaraçado e disposto, em traje de cerimônia, levando sob o braço um

livro de contabilidade, provavelmente com a relação dos salários e a folha de serviços do foguista; olhava nos olhos de todos, um depois do outro, numa demonstração sem pejo de que queria examinar o estado de ânimo de cada um. Todos os sete já eram seus amigos, pois embora o capitão tivesse antes levantado certas objeções contra ele, ou pretendido fazê-lo em nome da pena que lhe dava o foguista, parecia-lhe provável que já não tinha o mínimo a censurar em Schubal. Contra um homem como o foguista não se podia proceder com muita severidade e, se havia algo a reprovar em Schubal, era a circunstância de não ter conseguido no decurso do tempo quebrar a renitência do foguista a tal ponto que este não tivesse, ainda hoje, ousado aparecer diante do capitão.

Talvez ainda se pudesse admitir que o confronto entre o foguista e Schubal não deixaria de provocar, perante um tribunal superior, o efeito que lhe cabia produzir também diante dos homens, pois apesar de Schubal saber disfarçar bem, não seria capaz de sustentá-lo inteiramente até o fim. Um breve lampejo da sua maldade bastaria para tomá-la visível aos senhores, disse Karl queria se encarregar. Já conhecia de passagem a agudez, as fraquezas, os humores de cada um deles e desse ponto de vista não era perdido o tempo gasto aqui, até aquele momento. Se ao menos o foguista tivesse se mostrado um pouco mais à altura! Mas ele parecia totalmente incapaz de lutar. Se lhe tivessem oferecido Schubal ele certamente teria rachado o detestado crânio deste como uma noz de casca fina. Mas era evidente que mal tinha condições para dar os poucos passos que o separavam do outro. Por que Karl não havia previsto o que era tão fácil de prever — que Schubal finalmente teria de vir, se não por iniciativa própria, pelo menos chamado pelo capitão? Por que no caminho até aqui não tinha discutido com o foguista um plano de guerra preciso, ao invés de terem feito o que na realidade fizeram — simplesmente entrar pela primeira porta, irremediavelmente despreparados? Será que o foguista ainda podia falar, dizer sim ou não, como seria necessário no interrogatório, que de qualquer modo só viria no melhor dos casos? Ele estava ali em pé, as pernas apartadas, os joelhos um pouco dobrados, a cabeça algo erguida, e o ar passava pela boca aberta como se já não houvesse mais pulmões que o assimilassem.

Karl no entanto sentia-se forte e lúcido como talvez nunca tivesse sido em casa. Se os seus pais pudessem ver como ele lutava pelo bem em terra estranha, diante de personalidades respeitáveis e, embora ainda não tivesse alcançado a vitória, se preparava plenamente para a conquista final! Será que reconsiderariam sua opinião sobre ele? Iriam fazê-lo sentar-se ao seu lado para elogiá-lo? Será que por fim, por fim, olhariam nos seus olhos tão cheios de devoção por eles? Perguntas duvidosas, momento mais inadequado para fazê-las!

— Vim porque acredito que o foguista me acusa de alguma desonestidade. Uma moça que trabalha na cozinha me disse que o tinha visto a caminho deste lugar. Senhor capitão e senhores todos aqui presentes: estou pronto a refutar qualquer acusação, baseado nos meus documentos e, caso necessário, nos depoimentos de testemunhas despreconcebidas e não influenciadas que se encontram diante da porta.

Assim falou Schubal. Era sem dúvida o discurso claro de um homem e pelas mudanças nas fisionomias dos ouvintes seria possível crer que ouviam de novo, pela primeira vez depois de muito tempo, sons humanos. Naturalmente não notavam que mesmo esse belo discurso apresentava lacunas. Por que a primeira palavra objetiva que lhe veio à mente foi “desonestidade”? Talvez a acusação precisasse começar aqui, ao invés de partir dos seus preconceitos nacionais? Uma moça da cozinha tinha visto o foguista a caminho do escritório e Schubal havia imediatamente compreendido? Não era a consciência de culpa que lhe aguçava o espírito? E trouxera sem demora testemunhas e além disso as chamara de “despreconcebidas” e “não influenciadas”? Velhacaria, nada mais que velhacaria — e os senhores não só toleravam isso como ainda o reconheciam como comportamento correto. Por que ele, sem dúvida alguma, tinha deixado passar tanto tempo entre a informação da moça da cozinha e sua chegada aqui? Sem dúvida alguma para que o foguista cansasse os senhores a tal ponto que eles aos poucos perdessem a capacidade de julgamento claro, que Schubal temia acima de tudo! Seguramente ele permanecia há muito tempo atrás da porta e só bateu no momento em que tinha motivos para esperar que o foguista estivesse liquidado em virtude da pergunta irrelevante do senhor com a bengalhinha de bambu. Estava tudo claro e até involuntariamente demonstrado por Schubal, mas era preciso dizê-lo aos senhores de outra forma ainda mais tangível. Eles tinham que ser sacudidos. Por isso, Karl, rápido, agora aproveite ao menos o tempo, antes que as testemunhas apareçam e façam transbordar tudo!

— Mas bem naquele instante o capitão conteve Schubal com um aceno e este — já que o seu assunto parecia ter sido adiado por um momento — afastou-se logo e iniciou uma conversa com o servidor que havia se aproximado dele, durante a qual não faltaram olhares de esguelha para o foguista e Karl, nem movimentos de mão extremamente convictos. Schubal parecia estar ensaiando assim seu próximo grande discurso. Não queria perguntar alguma coisa aqui ao jovem, senhor Jakob? — disse o capitão, sob silêncio geral, ao senhor com a bengalhinha de bambu.

— Certamente — disse este com uma leve inclinação de agradecimento pela gentileza.

Depois perguntou outra vez a Karl:

— Como é mesmo o seu nome?

Karl, que julgava ser do interesse da grande questão principal resolver logo esse incidente com o perguntador obstinado, respondeu laconicamente, sem se apresentar — como era seu costume — com a exibição do passaporte, que ele teria primeiro de procurar:

— Karl Rossmann.

— Mas — disse o senhor que se chamava Jakob, a princípio recuando com um sorriso quase de dúvida.

Também o capitão, o caixa-mor, o oficial do navio, até mesmo o servidor mostraram nitidamente um espanto extremo por causa do nome de Karl. Só os senhores da autoridade portuária e Schubal permaneceram indiferentes.

— Mas — repetiu o senhor Jakob e se dirigiu a Karl com passos um tanto rígidos — então eu sou o seu tio Jakob e você é o meu caro sobrinho. Eu estava pressentindo isso o tempo todo — disse ele ao capitão antes de abraçar e beijar Karl, que deixou tudo acontecer, emudecido.

— Como o senhor se chama? — perguntou Karl, na verdade com muita cortesia mas completamente impassível, depois que se libertou, esforçando-se para prever as consequências que esse novo acontecimento podia ter para o fogueira.

Por ora nada indicava que Schubal pudesse tirar proveito dessa situação.

— Mas compreenda, jovem, a sua sorte! — disse o capitão, que com aquela pergunta julgava ferida a dignidade da pessoa do senhor Jakob, o qual se colocara junto à janela, evidentemente para não ter de mostrar aos outros seu rosto excitado, que ele além disso tocava de leve com um lenço. — É o senador Edward Jakob que se deu a conhecer como seu tio. Daqui em diante, certamente contra todas as suas expectativas até agora, aguarda-o uma carreira brilhante. Procure entender isso tão bem quanto seja possível no primeiro momento e recomponha-se.

— Eu tenho de fato um tio Jakob na América — disse Karl voltado para o capitão. — Mas se entendi direito, só o sobrenome do senhor senador é Jakob.

— Exato — disse o capitão, ansioso.

— Bem, meu tio Jakob, que é irmão de minha mãe, tem o prenome Jakob, ao passo que seu sobrenome deveria naturalmente ser igual ao de minha mãe, que quando solteira era Bendelmeyer.

— Meus senhores! — bradou o senador, retomando animado do seu posto de recuperação junto à janela, para se referir à explicação de Karl.

Todos, com exceção dos funcionários do porto, romperam no riso, alguns aparentemente comovidos, outros sem motivo visível.

“O que eu disse não foi de modo algum risível” — pensou Karl.

— Meus senhores — repetiu o senador. — Estão participando, contra a minha e a sua vontade, de uma pequena cena de família e por isso não posso deixar de lhes prestar um esclarecimento, uma vez que, segundo creio, só o capitão está totalmente informado (essa menção teve por consequência uma reverência recíproca.

“Agora eu preciso realmente prestar atenção em cada palavra” — disse Karl consigo mesmo, alegrando-se ao notar, com um olhar para o lado, que na figura do fogueira começava a voltar a vida.

— Em todos os longos anos de minha estada na América — a palavra “estada” ajusta-se mal, neste caso, ao cidadão americano que sou de todo o coração —, em todos estes longos anos tenho vivido completamente isolado dos meus parentes europeus por razões que, primeiro, não cabem aqui e que, segundo, realmente me custariam muito contar. Temo inclusive o momento em que serei forçado a contá-las ao meu caro sobrinho, quando infelizmente não será possível evitar uma palavra franca sobre seus pais e os parentes deles.

“É o meu tio, não há dúvida” — disse Karl a si mesmo e ficou escutando. — “Provavelmente mandou alterar o nome”.

— Ora, meu caro sobrinho foi — digamos a palavra que realmente designa a coisa — foi posto na rua pelos pais, como se atira um gato pela porta quando ele está aborrecendo. Não quero absolutamente embelezar o que o meu sobrinho fez para ser assim castigado — embelezar não faz o estilo americano — mas sua transgressão é de um tipo cuja simples menção já encerra desculpa suficiente.

“Não está mal” — pensou Karl. — “Mas não quero que ele conte a todos. Aliás ele não pode saber. De onde? Mas veremos, ele já deve estar sabendo de tudo”.

— É que ele foi — prosseguiu o tio apoiando-se com pequenas inclinações sobre a bengalhinha de bambu fixada no chão à sua frente, o que de fato conseguiu retirar ao assunto uma parte da solenidade que de outro modo ele teria assumido — é que cie foi seduzido por uma criada, Johanna Brummer, uma pessoa de cerca de trinta e cinco anos. Não quero de maneira nenhuma melindrar o meu sobrinho com a palavra “seduzido”, mas é difícil encontrar outra igualmente adequada.

Aqui Karl, que já havia se aproximado bastante do tio, deu meia volta para ler nos rostos dos presentes a

impressão deixada pela história. Ninguém ria, todos ouviam com paciência e seriedade. Afinal não se ri do sobrinho de um senador na primeira oportunidade que se apresenta. Seria possível antes dizer que o foguista sorriu para Karl, embora muito pouco, o que em primeiro lugar era alento como novo sinal de vida e, em segundo, desculpável, visto que, na cabine, Karl havia querido fazer dessa questão, que agora se tornava tão pública, um segredo especial.

— Ora, essa tal de Brummer — continuou o tio — teve do meu sobrinho um filho, menino sadio que no batismo recebeu o nome de Jakob, indubitavelmente em memória de minha pouca importância, a qual, mesmo nas menções decerto muito passageiras do meu sobrinho, devem ter causado uma grande impressão na moça. Felizmente, digo eu. Pois uma vez que os pais, para evitar o pagamento de pensão alimentícia e coisas desse tipo e um escândalo que os atingisse pessoalmente — devo acentuar que não conheço nem a lei daquele lugar nem as demais circunstâncias em que vivem os pais, conheço deles apenas duas cartas com pedidos de auxílio de épocas anteriores, que eu na verdade deixei sem resposta mas arqueei, e que além do mais representam uma ligação única e unilateral por cana durante todo esse tempo com eles — uma vez pois que, para evitar o pagamento de pensão alimentícia e o escândalo, os pais despacharam para a América seu filho, meu querido sobrinho, com uma provisão irresponsavelmente escassa, como se vê — este jovem (quando se abstraem os signos e os milagres que ainda se mantêm vivos justamente na América teria certamente se arruinado logo numa ruela do porto de Nova York, se aquela criada, numa carta dirigida a mim e que após longos desvios chegou anteontem às minhas mãos, não tivesse me comunicado toda a história, mais a descrição pessoal do meu sobrinho e, muito ajuizadamente, também o nome do navio. Se eu estivesse interessado em entretê-los, meus senhores, poderia ler aqui alguns trechos dessa carta — tirou do bolso duas enormes folhas de papel densamente escritas e agitou-as no ar. — Sem dúvida ela faria efeito, já que está escrita com uma esperteza um tanto simples, embora sempre bem-intencionada, e com muito amor pelo pai do seu filho. Mas não quero nem entretê-los mais do que exige a explicação, nem talvez ferir, no momento de sua acolhida, sentimentos que possivelmente ainda existam no meu sobrinho, que pode ler a carta para se informar, se quiser, no silêncio do quarto que já o espera.

Mas Karl não sentia nada por aquela moça. No amontoado de recordações de um passado cada vez mais repellido, ela estava sentada na cozinha, ao lado do aparador sobre cujo tampo apoiava os cotovelos. Olhava para ele assim que volta-e-meia entrava na cozinha para pegar um copo d'água para seu pai ou realizar alguma tarefa ordenada pela mãe. Às vezes, na posição incômoda ao lado do aparador, escrevia uma carta e buscava inspiração no rosto de Karl. Às vezes tapava os olhos com as mãos e aí nada do que lhe falavam chegava até ela. Às vezes ajoelhava-se no seu estreito quartinho ao lado da cozinha e rezava diante de uma cruz de madeira; ao passar por ali nessas ocasiões Karl a observava recatadamente pela fresta da porta entreaberta. Às vezes ela dava voltas correndo pela cozinha e recuava como uma bruxa, rindo, se Karl cruzava o seu caminho. Às vezes, logo que Karl entrava, ela fechava a porta da cozinha e ficava segurando a maçaneta até que ele exigisse passagem para sair. Às vezes ela pegava coisas que ele absolutamente não queria e as punha em silêncio nas suas mãos. Mas uma vez ela disse “Karl!” e, entre suspiros e caretas, levou-o, ainda atônito com o tratamento, ao quartinho, que trancou à chave. Lançou os braços em torno do pescoço dele, quase enforcando-o, e enquanto lhe pedia que a despisse, ela na realidade o despiu e o colocou em sua cama, como se não quisesse, a partir de então, deixá-lo para mais ninguém e acariciá-lo e cuidar dele até o fim do mundo.

— Karl, oh, meu Karl! — exclamava como se, ao vê-lo, sua posse se confirmasse, ao passo que ele não via a mínima coisa e se sentisse desconfortável no meio de muita roupa quente de cama, que ela parecia ter amontoado expressamente para ele.

Depois ela também se deitou, querendo saber dele alguns segredos, mas ele não foi capaz de lhe dizer nenhum e ela ficou zangada, de brincadeira ou a sério, sacudiu-o, escutou o seu coração, ofereceu-lhe o peito para que ele fizesse o mesmo, o que porém não conseguiu de Karl, apertou o ventre nu no corpo dele, passou a mão entre as suas pernas de um modo tão repulsivo que Karl agitou a cabeça e o pescoço para fora dos travesseiros, em seguida bateu algumas vezes a barriga contra ele; parecia que ela era uma pane dele mesmo e talvez por esse motivo ele foi assaltado por terrível carência. Depois de muitos votos para revê-lo, por parte dela, ele finalmente chegou chorando à própria cama.

Era tudo o que havia acontecido e no entanto o tio conseguia fazer disso uma grande história. E a criada ainda tinha pensado nele e informado o tio sobre sua chegada. Foi um gesto bonito dela e um dia ele a recompensaria por isso.

— E agora — bradou o senador — quero ouvir de você, abertamente, se sou ou não sou o seu tio.

— Você é meu tio — disse Karl beijando-lhe a mão e recebendo em troca um beijo na testa. — Estou muito contente por tê-lo encontrado, mas engana-se quando julga que meus pais só falam mal de você. Mas mesmo pondo isso de lado, seu discurso conteve alguns erros, isto é, creio que na realidade nem tudo se passou

como disse. Você de fato não pode, a partir deste lugar, avaliar tão bem as coisas, e além disso eu acho que não haverá nenhum prejuízo se os senhores tiverem sido informados um tanto incorretamente sobre os detalhes de um assunto que realmente não lhes diz muito respeito.

— Muito bem dito — disse o senador, levou Karl à frente do capitão e perguntou: — Não tenho um esplêndido sobrinho?

— Estou feliz, senador — disse o capitão com uma reverência que só as pessoas que tiveram instrução militar podem fazer — estou feliz por ter conhecido seu sobrinho. É uma honra especial para o meu navio o fato de ter sido o local deste encontro. Mas sem dúvida a viagem na coberta foi muito dura — na verdade, quem pode saber quem é transportado ali? Certa vez, por exemplo, até o primogênito do mais alto magnata húngaro, cujo nome e motivo de viagem me escapam, viajou em nossa coberta. Só fiquei sabendo muito mais tarde. Vamos fazer todo o possível para aliviar ao máximo a viagem das pessoas na coberta, muito mais, por exemplo, do que nas linhas americanas, mas de qualquer modo ainda não conseguimos tomar um prazer uma viagem dessas.

— Não me causou danos — disse Karl.

— Não lhe causou danos! — repetiu em voz alta, rindo, o senador.

— Só temo ter perdido minha mala.

E com isso lembrou-se de tudo o que havia acontecido e ainda restava por fazer, olhou em torno e avistou todos os presentes, mudos de atenção e espanto, nos seus antigos lugares, os olhos pregados nele. Só nos funcionários do porto — na medida em que seus rostos severos e autossuficientes permitiam percebê-lo — notava-se pesar por terem chegado numa hora tão inoportuna; os relógios de bolso, que tinham agora deixado na mesa, à sua frente, provavelmente eram mais importantes para eles do que tudo o que acontecia e talvez ainda pudesse acontecer no recinto.

O primeiro que depois do capitão expressou sua simpatia foi, curiosamente, o foguista.

— Dou-lhe de coração meus parabéns — disse ele e sacudiu a mão de Karl, com o que também queria manifestar algo como reconhecimento.

Quando em seguida quis voltar-se para o senador, com as mesmas palavras, este recusou, como se com isso o foguista ultrapassasse os seus direitos; o foguista desistiu imediatamente.

Mas os demais agora se davam conta do que devia ser feito e logo armaram uma algazarra em volta de Karl e do senador. Foi assim que Karl recebeu congratulações até de Schubal, aceitou-as e agradeceu. Por último, quando a calma se restabeleceu, os funcionários do porto se aproximaram e disseram duas palavras em inglês, o que causou uma impressão ridícula.

A fim de saborear o prazer a fundo, o senador mostrou-se de boa veia, recordando para si mesmo e para os outros lances menos relevantes, o que naturalmente não só foi tolerado como aceito com interesse por todos. Chamou assim a atenção para o fato de ter registrado no seu livro de notas os sinais particulares mais salientes de Karl, mencionados na carta da empregada, para se necessário usá-los num determinado momento. Ora, durante o insuportável palavrório do foguista, ele, para se distrair, puxou o livro de notas e como passatempo procurou cotejar a aparência de Karl com as observações da empregada, que obviamente não eram de uma precisão detetivesca.

— E dessa maneira encontra-se o seu sobrinho — concluiu num tom de quem quer receber mais uma vez congratulações.

— O que vai acontecer agora com o foguista? — perguntou Karl à margem do último relato do tio.

Julgava, na nova situação, poder expressar tudo o que pensava.

— O foguista terá o que merece — disse o senador

— e o que o senhor capitão achar conveniente. Creio que estamos mais que fartos do foguista e qualquer dos senhores aqui presentes certamente concorda comigo.

— Não é isso que interessa numa questão de justiça

— disse Karl.

Ele estava entre o tio e o capitão e talvez influenciado por essa posição acreditava ter a decisão já assegurada.

E no entanto o foguista parecia não esperar mais nada. Conservava as mãos enfiadas pela metade sob o cinto da calça, que em virtude dos seus movimentos excitados havia deixado aparecer pedaços de camisa estampada. Isso não lhe causava a mínima preocupação, ele tinha exposto todas as queixas do seu coração, agora podiam ver também os poucos trapos que trazia no corpo e depois arrastá-lo para fora. Imaginava que o servidor e Schubal — os dois de nível mais baixo aqui — deviam prestar-lhe este último obséquio. Schubal teria então sossego e não chegaria mais ao desespero, conforme se expressara o caixa-mor. O capitão poderia empregar um monte de romenos, por toda parte se falaria romeno e talvez então tudo corresse de fato melhor.

Nenhum foguista mais ficaria tagarelando na caixa principal, apenas o seu último palavrório seria mantido com alguma simpatia na memória, uma vez que, como havia expressamente declarado o senador, tinha sido ele a causa indireta da identificação do sobrinho. Aliás esse sobrinho tentara várias vezes antes ser-lhe útil e por isso havia apresentado seus agradecimentos com grande antecipação e de uma maneira mais que suficiente pelo serviço prestado àquele reconhecimento; não ocorria de modo algum ao foguista exigir agora mais alguma coisa dele. De resto, por mais que fosse sobrinho do senador, ele ainda não era um capitão e da boca do capitão é que viria finalmente o duro veredicto. Coerente com essa sua opinião, o foguista também não tentava olhar para Karl, mas infelizmente não havia, neste compartimento de inimigos, outro lugar de repouso para os seus olhos.

— Não confunda os fatos — disse o senador a Karl —, talvez se trate de uma questão de justiça, mas é ao mesmo tempo uma questão de disciplina. Ambas, especialmente a última, estão sujeitas ao julgamento do senhor capitão.

— É isso mesmo — murmurou o foguista e quem o observou e compreendeu sorriu surpreso.

— Além disso — continuou o senador —, já atrapalhamos tanto o senhor capitão no desempenho de suas funções — que sem dúvida se acumulam de maneira incrível justamente na chegada em Nova York — que é da maior urgência que deixemos o navio, a fim de que, de mais a mais, por alguma intromissão extremamente desnecessária, não transformemos essa rixa insignificante entre dois maquinistas num acontecimento. Entendo perfeitamente o seu procedimento, caro sobrinho, mas é justamente isso que me dá o direito de levá-lo embora daqui correndo.

— Vou mandar baixarem imediatamente um barco para o senhor — disse o capitão.

Para espanto de Karl ele não opôs a mínima objeção às palavras do tio, que indubitavelmente podiam ser vistas como uma autodepreciação deste. O caixa-mor precipitou-se sobre a escrivaninha e transmitiu por telefone a ordem do capitão ao contramestre.

— O tempo urge — disse Karl consigo mesmo — mas não posso fazer nada sem ofender a todos. Não posso deixar o tio agora que ele mal me encontrou. O capitão na verdade é cortês, mas isso é tudo. Sua cortesia cessa diante da disciplina e o tio seguramente expressou o que lhe vai na alma, Com Schubal não quero conversar, lamento até ter-lhe estendido a mão. E todas as outras pessoas aqui são sem importância.

Com esses pensamentos caminhou até o foguista, retirou-lhe a mão direita do cinto e, brincando com ela, reteve-a na sua.

— Por que não diz nada? — perguntou. — Por que engole tudo?

O foguista só enrugou a testa, como se buscasse a expressão para o que tinha a dizer. Fora isso baixou os olhos para a sua mão e a de Karl.

— Fizeram-lhe uma injustiça como a ninguém mais no navio, sei perfeitamente disso.

E Karl passou os dedos por entre os dedos do foguista, que olhou em volta com os olhos brilhantes; era como se experimentasse um deleite que ninguém podia lhe reprovar.

— Mas você deve se defender, dizer sim ou não, caso contrário as pessoas não vão ter a mínima ideia da verdade. Você precisa me prometer que vai me obedecer, porque eu mesmo — tenho muitos motivos para temer isso — não poderei mais ajudá-lo.

E aí Karl chorou enquanto beijava a mão do foguista, gretada e quase sem vida, apertando-a nas faces como um tesouro ao qual se tem de renunciar. Mas o tio senador também já estava ao seu lado e o puxava, embora com a mais leve das pressões.

— O foguista parece tê-lo enfeitado — disse ele, lançando um olhar compreensivo ao capitão, por cima da cabeça de Karl. — Você se sentiu abandonado, encontrou então o foguista e agora lhe é grato, isso é muito louvável. Mas, por consideração a mim, não leve as coisas longe demais e aprenda a conhecer sua posição.

Diante da porta levantou-se um rumor, ouviam-se gritos e parecia até que alguém era brutalmente atirado contra a porta. Entrou um marinheiro, o ar um tanto selvagem, com um avental de cozinha atado ao corpo.

— Tem muita gente lá fora — bradou ele, arremessando em volta os cotovelos como se ainda estivesse no meio da multidão.

Afinal controlou-se e quis bater continência diante do capitão; nesse momento reparou no avental, arrancou-o, atirou-o no chão e exclamou:

— Que coisa nojenta, puseram-me um avental de empregada.

Mas depois bateu os calcanhares e fez a saudação. Alguém tentou rir, mas o capitão disse com severidade:

— Isso sim é que eu chamo de bom humor. Quem está lá fora?

— São minhas testemunhas — disse Schubal, adiantando-se. — Peço humildemente perdão por seu comportamento inadequado. Quando os homens terminam a viagem, parecem todos loucos.

— Mande-os entrar imediatamente! — ordenou o capitão e logo voltando-se ao senador disse amável mas rápido: — Tenha a bondade agora, senador, de acompanhar com o seu sobrinho este marinheiro, que os levará ao barco. Nem precisava dizer o prazer e a honra que me deu o fato de conhecê-lo pessoalmente, senhor senador. Desejo ter em breve a oportunidade de retomar com o senhor nossa conversa interrompida sobre a situação da frota americana e depois, talvez, ser novamente interrompido de uma maneira tão agradável como hoje.

— Por enquanto este sobrinho me basta — disse rindo o tio. — Aceite meu melhor agradecimento por sua gentileza e passe bem. Aliás, não seria tão impossível que nós — estreitou afetuosamente Karl — em nossa próxima viagem à Europa pudéssemos nos encontrar por mais tempo.

— Isso me alegraria muito — disse o capitão.

Os dois senhores apertaram-se as mãos, Karl ainda pôde estender, mudo e às pressas, a mão ao capitão, pois este já tinha sido solicitado pelas quinze pessoas mais ou menos que, sob a chefia de Schubal, entravam no escritório um tanto embaraçadas mas ainda assim fazendo muito ruído. O marinheiro pediu ao senador permissão para ir à frente e depois abriu caminho na multidão para ele e para Karl, os quais passaram facilmente entre as pessoas que se inclinavam. Parecia que esses homens, por sinal benevolentes, consideravam a pendência entre Schubal e o foguista uma pilhéria, cujo caráter ridículo não deixava de existir nem perante o capitão. Karl percebeu entre eles Line, a moça da cozinha, que lhe acenava brincalhonamente, vestindo o avental atirado ao chão pelo marinheiro, pois o avental era dela.

Sempre seguindo o marinheiro eles deixaram o escritório e entraram num pequeno corredor, que uns passos depois os levou a uma portinhola, da qual uma curta escada descia ao barco preparado para eles. Os marinheiros do barco — para onde, num único impulso, seu chefe saltou, ergueram-se e bateram continência. No momento em que o senador advertia Karl para descer com cuidado, este rompeu num choro violento quando ainda estava no degrau mais alto. O senador pôs a mão direita sob o queixo de Karl, manteve-o apertado firmemente contra si e o acariciou com a mão esquerda. Desceram assim, devagar, degrau por degrau, e entraram estreitamente unidos no barco onde o senador procurou um bom lugar para Karl, bem à sua frente. A um sinal do senador, os marinheiros, soltaram o barco do navio e logo começaram a remar à toda. Estavam a poucos metros de distância do navio quando Karl fez a inesperada descoberta de que se encontravam exatamente do lado do navio para o qual davam todas as janelas da caixa principal. As três estavam ocupadas por testemunhas de Schubal, que amigavelmente saudavam e acenavam; até o tio agradeceu e um marinheiro fez a façanha de mandar para cima um beijo com a mão sem parar de remar regularmente. Era como se de fato não existisse mais nenhum foguista. Karl olhou firme para os olhos do tio, cujos joelhos quase esbarravam nos seus e vieram-lhe dúvidas de que esse homem pudesse jamais substituir o foguista. O tio também desviou o olhar e fitou as ondas que faziam o barco balançar.

FIM